

Deputados acham que Sarney quis quebrar a unidade do PMDB

BRASÍLIA — Além de tentar evitar o esvaziamento do caixa do governo federal, o presidente José Sarney, ao propor o efeito cascata para a rolagem das dívidas externas dos estados, quis quebrar a unidade de um PMDB já estremecido pelo resultado das urnas em 15 de novembro e pretendeu atingir algumas candidaturas pemedebistas à sua sucessão, como a do presidente do partido, Ulysses Guimarães, e a dos governadores de São Paulo, Orestes Quéricia, e de Minas Gerais, Newton Cardoso.

A leitura dos fatos, feita por alguns parlamentares, destaca um momento anterior a este. Antes mesmo das eleições municipais, Ulysses já havia se alinhado com os governadores na rejeição dos 25%, fixados no projeto de Orçamento Geral da União, como percentual de pagamento das dívidas externas vencidas e a vencer dos estados e municípios. Não interessa ao deputado que os governadores de seu partido enfrentem as eleições do próximo ano com seus caixas comprometidos com o pagamento destes débitos.

Pela culatra — A interpretação segue em frente e destaca que Sarney reagiu à ofensiva de Ulysses exatamente num momento em que ele e seu partido se acham combalidos pela derrota eleitoral. Mas, exatamente como aconteceu com o discurso que o presidente proferiu — no final de agosto em cadeia nacional de rádio e televisão — contra a Constituinte, o tiro mais uma vez saiu pela culatra. À época, Ulysses reagiu com outro discurso, duro, e a iniciativa de Sarney acabou por fortalecer a Constituinte e a liderança de seu presidente.

No episódio da dívida externa dos estados as cenas pareciam se repetir. Os governadores do PMDB superaram a tendência inicial de divisão — aos estados mais pobres e menos endividados o efeito cascata era uma excelente solução — saíram da defensiva em que se encontravam desde as eleições e passaram para a ofensiva, denunciando a intenção divisionista de Sarney.